

Tomógrafo volta a funcionar hoje

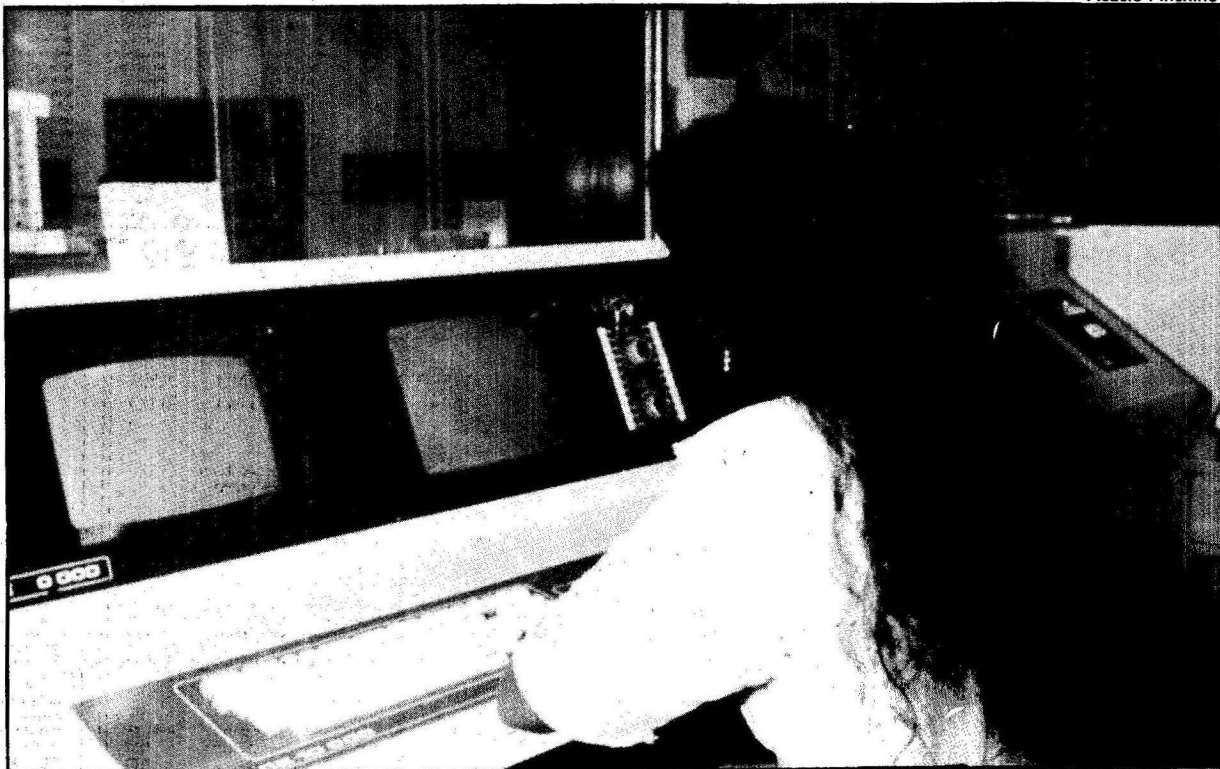
Acacio Pinchiro

ANTONIO XIMENES

A Secretaria de Saúde gastou, em sete meses, US\$ 170 mil (cerca de CR\$ 19 milhões pela cotação do dólar comercial) com o pagamento dos serviços do tomógrafo computadorizado do Hospital Santa Lúcia, da rede particular. Por estar com o equipamento quebrado, o Hospital de Base (HBDF) enviou, neste período, 4.280 pacientes para realizarem o exame.

Desde novembro de 1992, o tomógrafo do HBDF passou por três reformas, o que custou, só em peças importadas dos Estados Unidos e da Alemanha, US\$ 14 mil. O aparelho é usado para checar traumatismo craniano, torácico, abdominal, entre outros traumas. Hoje, o equipamento do HBDF volta a funcionar. Há apenas um tomógrafo em toda a rede pública de saúde, enquanto nos hospitais particulares do DF são seis.

Importados — O primeiro problema com o tomógrafo do HBDF foi em novembro de 1992. Na época quebrou o tubo de imagem, que teve que ser importado dos Estados Unidos. Com a peça reposta, o aparelho funcionou de fevereiro a 24 de março de 1993. Logo após foi uma válvula de tetraiodo que teve que ser importada da Alemanha. Com a sua aquisição, o equipamento funcionou somente em agosto último durante 20 dias e, finalmente, queimou uma placa de controle de



Com a quebra do tomógrafo, o Hospital de Base gastou US\$ 170 mil com os serviços da Santa Lúcia

temperatura que teve que ser comprada em São Paulo. Toda essa novela se deve ao fato de que o equipamento é considerado “velho” e com desgaste acentuado ele foi instalado em 1990 depois de três anos “guardado” no almoxarifado do HBDF. Este equipamento não é fabricado no País e o preço de um similar alemão ou norte-americano está em torno de US\$ 700 mil.

O diretor do HBDF, Lairson

Vilar Rabelo, disse que a situação é delicada. Para ele, o recurso que está sendo pago ao Hospital Santa Lúcia é uma contradição. Rabelo destacou que não se pode admitir que a rede pública do DF tenha apenas um aparelho tão importante na estrutura de atendimento aos pacientes com traumas. Ele defende que a Secretaria de Saúde compre três tomógrafos e instale dois no HBDF e um no Hospital Regional

de Taguatinga.

Rabelo argumentou também que mesmo que o Hospital Santa Lúcia tenha ganho a licitação por oferecer o serviço mais barato dentre os demais hospitais privados, não se justifica um gasto tão elevado. “Precisamos tomar uma medida para solucionar o problema crônico da falta de tomógrafo na rede pública de saúde”, desabafou.